

# **A invisibilidade da homossexualidade nas publicações em Educação em Ciências**

## **Homosexuality invisibility in studies about Science Education**

### **Resumo**

Este trabalho tem como proposta discutir a “invisibilidade” da homossexualidade nas pesquisas voltadas às discussões sobre sexualidade na área de Educação em Ciências, e para isso foi feito um levantamento dos artigos apresentados nos ENPEC com a temática apresentada. Os resultados obtidos revelam que apenas três artigos apresentaram diretamente a temática da homossexualidade no título, com diferentes enfoques. Propomos uma maior discussão acerca do tema nas instituições escolares, e a realização de novos estudos que busquem contextualizar as realidades locais para desenvolver estratégias discursivas mais apropriadas a cada situação, desde ambientes como a sala de aula, ao espaço escolar e à comunidade mais próxima.

**Palavras chave:** Homossexualidade; Invisibilidade; Educação em Ciências.

### **Abstract**

This paper aims to present a discussion about homosexuality invisibility in studies based on sexuality about Science Education, and then we have done a survey of articles presented at the ENPEC related this thematic. The results reveal that only three articles presented directly the issue of homosexuality at the title, in different ways. We propose discussing more about the theme in school institutions, and the achievement of new surveys to contextualize local realities to develop discussing strategies more appropriated to each situation, since places like a classroom, to the school and the nearest community.

**Key words:** Homosexuality; Invisibility; Science Education.

### **Considerações iniciais**

A sexualidade é uma característica própria dos seres humanos, que se apresenta de diferentes formas ao longo da vida. No nosso cotidiano pessoal e profissional, e de forma corroborada por inúmeras pesquisas, percebemos que ainda há dificuldade em conversar sobre esse assunto. Essas dificuldades são ainda maiores quando as discussões envolvem aspectos relacionados à homossexualidade.

As discussões acerca da diversidade sexual, das questões de gênero e sexualidade têm ganhado destaque na sociedade contemporânea, discutindo-se sobre o respeito às diferenças, sobre as lutas contra o preconceito, e a favor da igualdade de gênero e sexual, principalmente devido à pressão dos movimentos LGBTs<sup>1</sup>. Um dos fatores que contribuem para isso é a

---

<sup>1</sup> LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis, Transgêneros, Transexuais.

visibilidade dada a indivíduos homossexuais na mídia nacional, o que vem repercutindo em discussões acerca da temática nas diversas instâncias sociais.

De acordo com Souza, Bezerra e Sena (2016), a partir do ano de 1997, a mídia impressa, através de revistas e jornais, e também através de programas televisivos, como novelas e programas de auditório, passou a discutir mais sobre a homossexualidade, dando maior visibilidade.

A votação do Projeto de Lei nº 122/2006, na Câmara dos Deputados, conhecido como “Lei anti-homofobia”, também é um marco importante para o movimento homossexual, pois possibilitou a inserção do assunto no debate político, fortalecendo a promoção de políticas públicas voltadas para o grupo em questão.

Em todos os espaços educacionais, seja na Educação Infantil, nas séries do Ensino Fundamental I e II, no Ensino Médio, na graduação ou na pós-graduação, abordar a questão da homossexualidade ainda é considerado um “problema”. Esse cenário vem passando por algumas mudanças, não se pode negar, mas o preconceito entre estudantes e professores/as existe.

O presente artigo tem como proposta promover uma reflexão acerca das questões relacionadas à homossexualidade em artigos apresentados nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). Para esse levantamento bibliográfico, consultamos o site da Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC, 2017), que contém as publicações de todos os ENPEC, desde a primeira, em 1997, até a última, em 2015.

Identificamos apenas três artigos cujos títulos referem diretamente ao tema *homossexualidade* – Longaray e Ribeiro (2009), Barreto e Araújo (2009), Coelho e Campos (2013), embora o assunto seja discutido indiretamente em outras publicações apresentadas nos ENPEC. Essas três pesquisas foram publicadas mais recentemente, visto que este evento acadêmico começou a ser realizado em 1997. Este fato nos remete a alguns questionamentos.

Será que a homossexualidade não tem despertado o interesse da área de Educação em Ciências enquanto objeto de investigação? Por quais motivos professores/as e pesquisadores/as das áreas de Ciências desviam o olhar para as problemáticas envolvendo a homossexualidade nas instituições escolares? Quais os caminhos necessários para que possamos investir na valorização da diversidade, visando uma educação igualitária que reconheça as singularidades dos sujeitos escolares e os direitos no que se refere à vivência das sexualidades no ambiente escolar? Ao buscar respostas para estes questionamentos, dialogamos com autores/as para fortalecer nossos argumentos e apresentamos reflexões críticas sobre a carência de pesquisas e a necessidade de discussões aprofundadas apontando para a invisibilidade da homossexualidade como um problema de âmbito social no cotidiano escolar.

Os dois primeiros trabalhos relacionados à homossexualidade foram apresentados no VII ENPEC (2009), com abordagens diferentes na perspectiva da Educação em Ciências. Longaray e Ribeiro (2009) estudam de que forma a ciência discute as identidades sexuais, buscando a origem da homossexualidade. Entre os resultados obtidos, apontam estudos na perspectiva biológica, que investigam a existência de estudos genéticos e com hormônios voltados à área da neurociências, e de estudos históricos, que consideram a homossexualidade uma patologia, um crime ou pecado.

Considerando que a homossexualidade é uma entre as possíveis identidades

sexuais, torna-se importante discutir a construção histórica e social da mesma, de forma a não reforçar os estigmas atribuídos a essa identidade, que resulta, muitas vezes, em preconceito e discriminação aos/às homossexuais. (LONGARAY, RIBEIRO, 2009, p. 7)

O outro trabalho apresentado no VII ENPEC foi de Barreto e Araújo (2009), investigou as atitudes e percepções de professores/as de Ciências sobre a homossexualidade, relatando suas dificuldades em lidar com essa temática na escola. As autoras consideram a necessidade discutir essa temática durante a formação docente, seja inicial ou continuada, visto que os relatos apontam lacunas.

A sala de aula é uma esfera social regulamentada por uma rede de saberes e poderes que, na maioria das vezes, visa à formação de indivíduos que devem se adequar a padrões estabelecidos e impostos socialmente. Estes saberes regulam os papéis assumidos pelos sujeitos escolares, que meio de relações de poder levam à construção das identidades de cada pessoa de acordo com as exigências sociais. Sob esta ótica, professores/as e estudantes são “ensinados” a seguir comportamentos heteronormativos, padronizados, considerados socialmente adequados, normais e naturais no ambiente escolar (PARAÍSO, 2015).

No IX ENPEC, Coelho e Campos (2013, p. 7) apresentam dados preliminares de uma entrevista realizada com uma professora de Ciências, relatando suas dificuldades e percepções em discutir ou problematizar questões ligadas à diversidade sexual ou ao preconceito sexual. “Mesmo a professora julgando ser impróprio discriminar, e combatendo estas situações quando ocorrem em sala de aula, o Ensino de Ciências parece se render à invisibilidade da população LGBT, promovendo [...] a legitimação do heterossexismo na escola.”

A cultura escolar vai se consolidando pelo poder de afirmação da cultura dominante e da negação da sexualidade considerada “desviante” dos padrões sociais, como a homossexualidade. O currículo educacional, sob esta perspectiva, valoriza a proeminência masculina heterossexual, dominante nos espaços escolares por meio de seus discursos e práticas (SILVA, 2009), um dos fatores que (re)força a invisibilidade da homossexualidade.

Discorrendo sobre a questão da homossexualidade nas instituições escolares, Lima, Santana e Lima (2011) afirmam que os centros acadêmicos não têm atendido de forma satisfatória às exigências atuais sobre as discussões em torno dos aspectos relativos à diversidade sexual, não reconhecendo a importância em abordar temas como esse ou como a homofobia<sup>2</sup> na formação de futuros/as docentes.

Refletindo acerca da atuação de futuros/as professores/as de Biologia ao se depararem com questões que envolvam a sexualidade, Souza e Dinis (2010) observaram que futuros/as professores/as de Biologia identificam a homossexualidade como algo contagioso, onde um indivíduo *gay* pode influenciar outra pessoa a adquirir um comportamento homossexual.

Em outro estudo envolvendo futuros/as professores/as de Biologia e de Ciências, Santos (2012) observou que ele/as se mostram preocupados/as que os meninos adotem uma identidade de gênero oposta à que “naturalmente” devem assumir. Para os/as participantes dessa pesquisa, a escola deve manter-se em constante “vigilância” para “ensinar” e pôr os indivíduos em seus devidos lugares, combatendo as possíveis transgressões entre os gêneros por ser algo “problemático” e que foge aos modelos sociais vigentes.

---

<sup>2</sup> Homofobia: repulsa ou preconceito contra a homossexualidade ou os homossexuais. (FERREIRA, 2017)

Reforçando essa problemática, Rocha e França (2013) apresentam informações instigantes, pois os discursos dos professores/as entrevistados/as reforçam (pré)conceitos que precisam ser questionados e revistos nas práticas docentes, tais como a obediência feminina, a homofobia e o conformismo nas relações de gênero e sexualidade.

Junqueira (2009) faz um alerta de que muitas vezes somos nós, durante nossas práticas docentes, instrumentos de situações discriminatórias que tanto buscamos combater, quando “inevitavelmente colocamos nossas boas intenções em uma educação a serviço de uma educação sexista e heterossexista”.

As questões acima suscitadas precisam ser questionadas, refletidas, ressignificadas. Estamos diante de uma situação complexa que envolve o cotidiano escolar, a formação de estudantes/cidadãos, a formação docente, os valores e a cultura de ambas as partes envolvidas no processo educacional. É preocupante a confirmação de que no espaço escolar, seja na Educação Básica, Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Médio, ou no Ensino Superior, os discursos estejam imersos e/ou camuflados em processos discriminatórios e excludentes, como a misoginia<sup>3</sup> e a homofobia.

### **Caminhos possíveis na valorização à diversidade sexual no ambiente escolar**

As discussões e abordagens sobre a sexualidade vêm ocorrendo de maneira sutil e possibilitando o reconhecimento de grupos minoritários e historicamente excluídos nos espaços educativos, como os homossexuais. Em contrapartida, as lutas pela representatividade destes grupos no meio educacional estão sendo constantemente combatidas em função de posturas e argumentos retrógrados e normativos que buscam neutralizá-las, como o movimento contemporâneo designado ‘Escola sem partido’, que tem como uma de suas propostas a proibição das discussões sobre sexualidade na Educação Básica, com crianças e adolescentes.

Diante desse contexto atual, é fundamental a problematização sobre o papel da educação como instrumento de (in)formação e de reconhecimento dos sujeitos sociais que a constituem. Precisamos (re)pensar estratégias que promovam e/ou ampliem espaços de discussão sobre a(s) sexualidade(s), refletindo acerca dos posicionamentos assumidos frente ao machismo histórico e às concepções sobre a diversidade sexual. A partir daí será possível dialogar como as formas pelas quais os saberes são construídos, como são internalizados e vivenciados pelas pessoas no meio onde estão inseridos.

Candau (2011) afirma que é urgente reconhecer e perceber que a sociedade se constitui por variados agentes que apresentam particularidades distintas e próprias. Defende a posição de que as diferenças são constitutivas, intrínsecas às práticas educativas, e atualmente é cada vez mais forçoso reconhecê-las e valorizá-las na dinâmica de nossas escolas. Precisamos questionar a cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, que prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, e trazer para o debate e reflexão as diversidades culturais, étnicas, de gênero, de orientação sexual, religiosas, entre outras.

A introdução de debates no currículo e nas práticas escolares sobre gênero e sexualidade possibilitará a sensibilização dos/as jovens e das crianças sobre a necessidade de respeitar o outro e sua singularidade sexual e de gênero. Discutir sobre as múltiplas produções e

---

<sup>3</sup> Misoginia: aversão às mulheres; repulsão patológica pelas relações sexuais com mulheres. (FERREIRA, 2017).

construções de nossas identidades de maneira crítica poderá conduzir os/as alunos/as à reflexão sobre sua própria realidade, e questionar os poderes e as verdades que são postas como meio de controlar seus corpos e suas variadas manifestações de desejo e comportamentos. (ARAÚJO, CAMARGO, 2011)

Dinis (2008) considera que discutir conceitos como heterossexualidade, homossexualidade, masculinidade, feminilidade, e a construção das identidades sexuais nas atividades do cotidiano escolar e nos cursos de formação de professores/as, contribui para compreender a influência de fatores históricos, sociais e culturais.

O grande desafio para todos os profissionais da educação é pensar em uma instituição escolar cujas práticas promovam reflexões sobre as questões da sexualidade; pensar uma ‘nova’ ética da/na/para a educação que permita aos sujeitos que a constituem experimentar as diversas maneiras de ser e estar no mundo, saborear novas relações com o próprio corpo e o do outro, de forma livre e com respeito. (DINIS; CAVALCANTE, 2008)

Propomos uma reflexão sobre os saberes e verdades que edificam nossas instituições de ensino para buscarmos estratégias de discussão sobre percepções heterossexistas e heteronormativas que restringem a sexualidade e as identidades de gênero e sexual a tradições historicamente impostas. Diante desse cenário, torna-se necessário rever o direcionamento da formação docente para as questões da sexualidade entre os profissionais voltados à Educação em Ciências. Um aspecto importante é o reconhecimento das variadas expressões das identidades sexuais dos sujeitos escolares como um dos possíveis caminhos no processo de ensino/aprendizagem, e a busca por uma educação igualitária e não excludente.

Coelho e Campos (2013, p. 7) reforçam a necessidade de valorização das discussões sobre a diversidade sexual no espaço escolar, afirmando que a cidadania plena requer o “reconhecimento das mais diversas formas de expressão da sexualidade como legítimas”.

Deve fazer parte dessas discussões, tanto na formação quanto na prática docentes, o questionamento e a reflexão acerca de aspectos heterossexistas, hegemônicos, biologizantes, que estão presentes nos discursos e nas práticas curriculares que controlam a formação de nossas identidades sexuais e de gênero, apontando também para os limites e as possibilidades impostas a cada indivíduo, quando este se submete aos estereótipos que são atribuídos a uma identidade sexual (SOUZA, DINIS, 2010).

Enxergar essa realidade, questioná-la e transformá-la são um longo processo que urge iniciar, entendendo-o de forma mais ampla como um processo educativo de construção de saberes, de valores, de identidades; de busca por uma educação emancipatória e crítica.

Diante do anseio de construirmos uma sociedade e uma escola mais justa solidária, livre de preconceito e discriminação, é necessário identificar e enfrentar as dificuldades que temos tido para promover os direitos humanos e, especialmente, problematizar, desestabilizar e subverter a homofobia (JUNQUEIRA, 2009, p. 13).

É necessário ressignificarmos o modo pelo qual vivenciamos a nossa própria sexualidade, e como permitimos que ela atravesse o cotidiano e as práticas de ensino. Nessa perspectiva ressaltamos a importância de sua abordagem nas diversas esferas educacionais, promovendo espaços de discussão e dando-lhe visibilidade nos currículos escolares. Precisamos repensar não apenas as formas como nossos/as jovens e crianças têm construído suas identidades de

gênero e sexual, mas também como os/as docentes convivem e constroem suas próprias identidades e exercem os influenciam.

Sinalizamos a importância de pesquisas que busquem contextualizar as realidades locais para desenvolver estratégias discursivas mais apropriadas a cada situação, desde ambientes como a sala de aula, ao espaço escolar e à comunidade mais próxima. Apontamos para a necessidade em (re)conhecer os saberes, as culturas, a singularidade dos variados sujeitos que compõem o espaço escolar e então propor a discussão crítica a respeito das diversidades.

Há vários caminhos possíveis de se discutir e abordar as sexualidades nos espaços educacionais. Propomos uma breve discussão sobre as questões da homossexualidade, no sentido de despertar o interesse e a necessidade em dar visibilidade a essa temática.

## Referências

- ABRAPEC. ENPECs Anteriores. [online] Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/wordpress/pt/enpecs-anteriores/> Acesso em: 09 de jan. 2017.
- ARAÚJO, Rubenilson P.; CAMARGO, Flávio P. Discursos sobre gênero, diversidade sexual e homofobia no contexto escolar. **Rev. Escrita**, Rio de Janeiro (RJ), n. 13, p. 1-23, 2011.
- BARRETO, Mônica I.; ARAÚJO, Maria I. O. Professores e professoras de Ciências de Aracaju-SE frente à homossexualidade. **VII ENPEC**. Florianópolis (SC), 2009.
- CANDAU, Vera M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011.
- COELHO, Leandro J., CAMPOS, Luciana M. L. **IX ENPEC**. Águas de Lindóia (SP), 2013.
- DINIS, Nilson F. Educação, Relações de Gênero e Diversidade Sexual. **Educação & Sociedade**, Campinas (SP), v. 29, n. 103, p. 477-492, 2008.
- DINIS, Nilson F.; CAVALCANTE, Roberta F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. **Pró-Posições**, São Paulo (SP), v. 19, n. 2, p. 99-109, 2008.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. **Dicionário do Aurélio On-Line – Dicionário Português**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/> Acesso em 14 jan. 2017.
- JUNQUEIRA, Rogério D. (Org.) **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília (DF): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
- LIMA, Edenilse B.; SANTANA, João R. M.; LIMA, Maria B. Sexualidade em debate: percepções de licenciandos. **Revista Fórum Identidades**, São Cristóvão (SC), v. 9, n. 5, p.41-53, 2011.
- LONGARAY, Deise A.; RIBEIRO, Paula R. C. Problematizando os discursos científicos sobre a homossexualidade. **VII ENPEC**. Florianópolis (SC), 2009.
- PARAÍSO, Marlucy A. Um currículo entre formas e forças. **Revista Educação**, Porto Alegre (RS), v. 38, n. 1, p. 49-58, 2015.
- ROCHA, Marcelo B.; FRANÇA, Gisele A. Gênero e sexualidade: como os Licenciados em Ciências Biológicas concebem esses temas? **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 6, n. 1, p. 21-34, abr. 2013.
- SILVA, Tomás T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo

Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, Leandro C.; DINIS, Nilson F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em Biologia. **Pró-Posições**, Campinas (SP), v. 21, n. 3, p. 119-134, 2010.

SOUZA, Taylane B.; BEZERRA, Kethyana F.; SENA, Claudio H. N. **A homossexualidade no Brasil e sua repercussão na mídia: Estudo sobre o comercial “Casais” de O Boticário**. 18º CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, Caruaru (PE), 2016. Anais do 18º Congresso de ciências da comunicação na região nordeste, Caruaru, UNIFAVIP, 2016.

SANTOS, Sandro P. **Concepções de gênero de futuros/as professores/as de Ciências e Biologia a partir do vídeo ‘Boneca na mochila’**. 16º ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, Campinas (SP), 2012. Anais do 16º Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2012.